



AÇÃO EDUCATIVA SOBRE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UM PRESÍDIO FEMININO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

MAIRA MARIA LEITE DE FREITAS; KILVIA PINHEIRO DE FREITAS; SANDRANEIDE
PINHEIRO DE FREITAS; LUCIANA TORRES DE MELO; ANA BEATRIZ COUTINHO
PATRICIO; FRANCISCO REGIS DA SILVA

Introdução: De acordo com dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), o Brasil apresenta a quarta maior população carcerária feminina do mundo. Diante disso, os olhares têm se voltado para esta população, de modo a haver um aumento da preocupação com a saúde física e mental, além do processo de ressocialização dessas mulheres. **Objetivo:** Relatar a experiência de estudantes de medicina em uma visita ao presídio feminino ao ministrar uma palestra sobre Transtorno de Espectro Autista (TEA). **Relato de Experiência:** Em outubro de 2024, a Liga acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia, foi convidada para ministrar uma palestra sobre o TEA para mulheres privadas de liberdade que participam do Programa Tecendo o Futuro, iniciativa provedora de emprego e ressocialização a internas dentro do Instituto Penal Feminino, em Aquiraz/CE. A palestra teve uma duração de 120 minutos, nos quais tivemos a participação ativa das detentas, fazendo perguntas e retirando inúmeras dúvidas sobre o assunto. O encontro teve a participação de 60 detentas, das quais 54 (90%) eram mães e destas três (5%) tinham filhos com o diagnóstico de TEA e 21,6 (36%) tinham algum familiar com o diagnóstico. **Discussão:** Embora a participação não fosse obrigatória, todas as detentas do projeto participaram da palestra. As participantes que tinham filhos com TEA relataram que recebiam a visita das crianças e também tinham como benefício uma chamada de vídeo durante cinco minutos com os filhos. Durante a palestra, foram sanadas diversas dúvidas das participantes a respeito do próprio TEA, suas possíveis causas, se eram transmissível, se teriam algum direito pelo INSS e principalmente a respeito da acessibilidade às terapias. **Conclusão:** Foi possível perceber que muitas das mulheres presentes possuíam filhos ou familiares diagnosticados com TEA e as mesmas não possuíam conhecimentos ou orientações a respeito de como agir ou vivenciar esse desafio durante o período de reclusão. Enquanto acadêmicas, poder promover saúde para um grupo tão vulnerável foi gratificante, pois foi possível perceber a importância da educação em saúde, visto que possibilita o repasse de conhecimentos e a oportunidade de minimizar dúvidas existentes contribuindo para autonomia da população.

Palavras-chave: **EDUCAÇÃO EM SAÚDE; AUTISMO; POPULAÇÃO PRIVADA DE
LIBERDADE**